

Sobre anjos e folhas secas: em torno do *Angelus Novus* de Paul Klee

On angels and dry leaves: concerning Paul Klee's 'Angelus Novus'

Mauro Rocha Baptista*

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma apresentação feita na IV Semana Didático-Cultural e I Congresso de Pesquisa e Extensão da Uemg – Campus Barbacena. O título desse evento era “História: identidade e memória”, e seu símbolo o quadro **Angelus Novus** de Paul Klee. Nosso objetivo era o de apresentar a relação entre o quadro e a temática do evento. Para isso buscamos o apoio de três autores: Benjamin, dono do quadro, que demarcou a sua interpretação do **Angelus Novus** comparando-o com o anjo da história; Scholem, herdeiro do quadro após a morte de seu amigo Benjamin, autor de um poema sobre essa obra de Klee; e Kafka, escritor que sempre povoou o debate epistolar dos dois anteriores, e que, apesar de não ter tido contato com o quadro de Klee, descreve o cenário em que é possível a sua produção. Por fim reavaliamos o quadro a partir do humor judaico que unifica esses três autores, a fim de redimensionar o valor de alerta representado pelo semblante aterrorizado do anjo de Klee. Nesta versão escrita a sequência dos argumentos foi mantida, mas o texto foi substancialmente alterado para se adaptar ao novo veículo de divulgação.

Palavras-chave: **Angelus Novus**; Walter Benjamin; Gershom Scholem; Franz Kafka; Humor.

Neste estudo pretendemos analisar o quadro **Angelus Novus** de Paul Klee (1920) através da simbologia que lhe foi imposta. Traduzido em símbolo do anjo da história por Walter Benjamin, o quadro assumiu a partir de então uma história própria, compatível com a relevância de

Artigo recebido em 30 de outubro de 2008 e aprovado para publicação em 18 de março de 2009.

* Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais, doutorando em Ciência da Religião / Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora com bolsa do Programa de Capacitação de Recursos Humanos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia da Religião, e-mail: m-baptista@uol.com.br.

seu autor, o suíço Paul Klee, mas independente da fama deste. Como todo símbolo, sua função foi assumida por Benjamin como presentificadora de uma coletânea de informações que não podem ser traduzidas sinteticamente na forma de palavras. O **Angelus Novus** se transformou, sob a posse de Benjamin, em uma estrutura revolucionária. Seu nome foi cogitado para o título de um jornal, embora esse projeto não tenha se materializado, e sua análise serve de base para a exposição do conceito de história com que Benjamin reconfigurou o estudo dessa disciplina. Mas antes de tudo isso ele é um anjo.

Segundo o **Dicionário histórico de religiões** de Antonio Carlos do Amaral Azevedo: “ Os anjos são configurados como mensageiros e considerados seres espirituais intermediários entre Deus e os homens” (AZEVEDO, 2002, p. 35). Como seres espirituais os anjos são amorfos, como intermediários entre Deus e os homens são artisticamente descritos como homens alados. A figura típica com que se descrevem os anjos é a do anjo da guarda, uma constituição que surge entre os séculos XIV para XV. Até então as figuras angelicais representavam mais a sua parcela divina, como se pode notar pelas descrições de anjos com asas repletas de olhos. Afora o problema de se formatar o anjo, outro ainda se sobrepõe: como mensageiros espirituais os anjos não possuem realidade além de suas mensagens, por isso no concílio de *Aix-la-Chapelle* (789) a devoção aos anjos foi legitimada, mas a elaboração de listas com seus nomes foi condenada (2002, p. 36).

Segundo Scholem, Benjamin se mostra muito seduzido por essa ideia de mensageiro que necessariamente se esvai com sua mensagem, utilizando essa metáfora em sua compreensão da história: “A imagem talmúdica dos anjos recriados a cada momento em hostes incontáveis, somente para serem destruídos e retornarem para o nada depois de terem levado suas vozes para Deus, unifica seus primeiros e últimos escritos” (SCHOLEM, 1994, p. 208). Scholem descreve a unificação da obra de Benjamin no percurso entre a vontade juvenil de desenvolver um jornal revolucionário na década de 1920, e a descrição cabal de sua IX tese sobre o conceito de história de 1940. O **Angelus Novus** representa assim a mensagem benjaminiana de uma superação da própria história. Trata-se de uma crítica ao progresso desenfreado. Uma crítica que deve manter viva a tensão entre o humano e o divino em sua síntese angelical. Dessa forma, o **Angelus Novus** é um mensageiro e, assim como a sua mensagem, ele representa o espanto divino diante do progresso profano. Sua deformidade é a deformidade moderna da relação entre o humano e o divino.

Em torno desse anjo se reúnem três dos mais relevantes pensadores da modernidade, nomeados por Robert Alter como **Anjos necessários** (1992), a saber: Walter Benjamin, que adquiriu o quadro de Paul Klee em 1921, Gershom Scholem, amigo de Benjamin a quem este deixou o quadro (posteriormente doado pela viúva de Scholem ao museu de Jerusalém), e Franz Kafka, autor tcheco e fonte de discussão entre os dois anteriores. Este último, apesar de não ter contato com o **Angelus Novus**, é o primeiro que nos auxiliará a compreender o quadro de Klee. Em um jogo com a estrutura unificante que Scholem observa na obra de Benjamin, retornaremos a Kafka também como possibilidade última de interpretação desse quadro.

O anjo de Kafka

Apesar de não ter tido contato com o quadro de Klee, Kafka viveu o clima de sua época com uma sensibilidade para a descrição de seu mundo que só pôde ser valorizada após a sua morte. Em seu obituário, sua amante e tradutora, Milena Jesenská, o descreve:

Ele escreveu as obras mais significativas da moderna literatura alemã; a verdade crua nelas presente faz com que pareçam naturalísticas mesmo quando falam em símbolos. Elas refletem a ironia e a visão profética de um homem condenado a ver o mundo com tão ofuscante clareza que o considerou insuportável, e partiu para a morte. (PAWEL, 1986, p. 351)

A ofuscante clareza com que Kafka via o mundo possibilitou que ele interpretasse a realidade em que vivia de uma forma ao mesmo tempo sóbria e sombria. É nesse misto entre a realidade profana e ofuscante e a clareza sacra que Kafka expõe em uma passagem de seus diários de 25 de junho de 1914 a sua interpretação dos anjos.

Nessa passagem Kafka escreve em primeira pessoa. Apresenta a situação de incômodo de um sujeito que não consegue se acalmar e anda de um lado para o outro de seu quarto procurando compreender os motivos de sua inquietação. Todo o cenário é descrito de forma profana. Trata-se de um quarto comum que começa sem maiores motivos a se desfazer. A todo tempo o minucioso Kafka descreve a normalidade do quarto de pensão e a naturalidade com que, sem interrupção, o movimento da rua continua. Eis que então o teto do quarto começa a ficar iluminado, o jovem resolve retirar a lâmpada do quarto e arrear a mesa para dar lugar à epifania que esperava:

Isso que queria aparecer podia descer tranquilamente sobre o tapete, e anunciar-me o que tinha a me anunciar. Mal havia terminado, quando com efeito o teto se rompeu. Ainda muito alto, porque eu tinha calculado mal, descia lentamente na penumbra um anjo de vestes violetas e azuladas, envolto em cordões de ouro, sustentando-se em umas asas grandes, brancas, luzidias como seda, com a espada estendida horizontalmente. “Um anjo, então”, pensei, “teria estado voando para mim durante todo o dia, com minha pouca fé, não sabia. Agora me falará.” Desci o olhar. Mas quando tornei a erguê-lo, o anjo continuava certamente ali, pendia bastante longe do teto, que tinha tornado a fechar-se, mas não era um anjo vivo, porém simplesmente uma máscara de proa de madeira pintada, como os que pendem do teto das tavernas dos marinheiros. Nada mais. (KAFKA, [197-], p. 318)

O anjo que se apresenta no quarto de pensão não é de fato um anjo, mas apenas um objeto de madeira. Ele não pode ultrapassar a sua realidade morta, exatamente porque em nossa ânsia pelo progresso nós optamos por matar essa estrutura messiânica, ou revolucionária, em prol de uma sequência positiva dos fatos. Desencantado, o mundo se apresenta com ofuscante clareza para Kafka, que precisa decretar que o anjo que o jovem esperava não é nada mais que um objeto de madeira.

A partir dessa constatação de Kafka, a atitude de seu personagem revela toda a sua ironia. Uma vez que ele havia arrancado a lâmpada para dar espaço à epifania, ele acende uma vela e a coloca na mão em que o anjo devia carregar a sua espada. Sob a luz do anjo o jovem segue a sua vida. Assim como, a partir da designação de que os anjos não podem ultrapassar o limite de suas mensagens, a iconografia de anjos torna-se uma atitude sem sentido, também a espera por uma mensagem divina em meio à nossa realidade modernamente profana é destituída de sentido por sua própria estrutura paradoxal. Ou seja, a nossa realidade moderna tenta repelir o divino do cotidiano na esperança de que ele rompa com o teto de nossos lares e se manifeste em uma epifania estrondosa. Kafka demonstra como essa espera não faz sentido, ao mesmo passo em que revela que os anjos modernos não passam de enfeites de taverna. Suas mensagens são profanas como o mundo moderno. Um anjo não pode existir sem a tensão entre o humano e o divino, mas a espera moderna pelas mensagens dos anjos é motivada exclusivamente por questões humanas.

O **Angelus Novus** de Paul Klee faz parte desse universo moderno desencantado em que os anjos perderam a sua arrebatadora força para se transformar em simples esculturas de madeira no teto de tavernas. Klee não podia representar o seu novo anjo usando a mesma velha

túnica azul-violeta, com asas macias como seda. Essa imagem foi perdida juntamente com as mensagens esperançosas. O novo anjo deve ter uma nova configuração, menos divina, mas também menos humana. Em Walter Benjamin essa experiência kafkiana das mensagens da tradição se revela como fonte para se repensar a própria noção de história: “Se o surrealismo forneceu a Benjamin o protótipo de uma experiência revolucionária da presença do passado, Kafka lhe proporcionou o contrário: uma experiência arcaica do presente” (OSBORNE, 1997, p. 84). Os personagens de Kafka revelam a esperança de que a estrutura arcaica de legitimidade do mundo possa estar presente na vida cotidiana. Com essa vivência eles permitem uma análise do presente como se ele ainda fosse pleno de mensagens angelicais capazes de romper com o teto da realidade profana. Por mais que a literatura kafkiana se desenvolva como uma crítica dessa esperança, ela funciona como uma chave para compreender a experiência de mundo manifesta nos personagens alienados que circulam o crítico herói. Através dessa chave é possível abrir uma nova perspectiva de história que não se limite ao simples repovoar o presente com o passado, mas que conduza a uma experiência autêntica dos fragmentos deixados pela tradição.

O anjo de Benjamin

Quando Kafka sintetiza o anjo moderno como uma escultura de madeira e nada mais, ele está retirando todo o peso que a tradição histórica relegou aos mensageiros de Deus até chegar à imagem de anjos da guarda. Seus heróis se chocam com um mundo em que mesmo os anjos de madeira são aguardados esperançosamente pelas pessoas. O questionamento que esses heróis direcionam à experiência arcaica do presente vivida pelos personagens periféricos dos romances abre caminho para o anúncio benjaminiano de um novo anjo que contemple a realidade angustiada do herói. Em sua IX tese sobre o conceito de história de 1940, Benjamin descreve o quadro de Klee como símbolo desse novo anjo da história:

Existe um quadro de Klee intitulado **Angelus Novus**. Nele está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos

e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que chamamos de progresso é essa tempestade. (BENJAMIN, 2005, p. 87)

O anjo de Paul Klee foi destituído de sua pureza originária, não encarna mais a beleza e a serenidade. Ele arregala os olhos diante do mundo a que deve trazer a sua mensagem, e sua mensagem são seus olhos arregalados.

Assim como Kafka, Benjamin compreende que os novos anjos não podem mais possuir a estrutura dos anjos da guarda, mas, diferentemente do anterior, Benjamin ainda acredita que existem mensagens a serem reveladas. Se para Kafka a tensão entre o humano e o divino foi perdida por uma valorização exacerbada da racionalidade humana, para Benjamin essa tensão se renova nesse mesmo espaço. No confronto entre a necessidade de progresso e as consequências caóticas desse progresso, os anjos voltam a fazer sentido como revigoradores da história humana.

Na tese VIII, Benjamin analisa o estado que permite ao anjo da história surgir: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ no qual vivemos é a regra. Precisamos chegar a um conceito de história que dê conta disso” (2005, p. 83). Quando se observa a partir da perspectiva do oprimido, a exceção passa a ser regra geral. Quando se abandona a postura nobre de detenção da verdadeira mensagem angelical, e se busca um olhar espantado sobre a construção caótica do progresso, o sujeito se vê abandonado no mundo como o herói kafkiano. Em meio a essa realidade o novo anjo precisa anunciar a vigência do estado de exceção. Mas esse novo anjo exige um novo conceito de história. Sua posição ante a sequência dos fatos não é harmônica, como a postura dos personagens esperançosos de Kafka faz supor ser a essência dos anjos. O novo anjo tem também uma nova essência.

Recorremos a um aforismo kafkiano de 1920 para compreender a singularidade a que o herói se submete ao negar a tradição angelical na espera desse novo anjo:

Tem dois inimigos: o primeiro ameaça-o por trás desde as origens; o segundo fecha-lhe o caminho para diante. Luta contra ambos. Na realidade, o primeiro apoia-o em sua luta contra o segundo, quer impeli-lo para diante e da mesma maneira o segundo o apoia em sua luta contra o primeiro, empurra-o pra trás. Mas isso é somente teórico. Porque além de adversários também existe ele, e quem conhece suas intenções? Sempre sonha que em um momento de descuido – para isso faz

falta uma noite inimaginavelmente escura – possa safar da linha de combate e ser elevado, pela sua experiência de luta, por cima dos combatentes, como árbitro. (KAFKA, [19–], p. 220)

O heróico “ele” de Kafka é quem permite a melhor descrição da nova história negativa: não se trata apenas de buscar a mensagem secreta da tradição, nem de virar as costas para essas mensagens e rumar para o abstrato futuro, qualquer uma dessas posições seria de derrota. Sobre essa disputa Hannah Arendt atenta para o fato de que: “Esse passado, além do mais, estirando-se por todo seu trajeto de volta à origem, ao invés de puxar para trás, empurra para frente, e, ao contrário do que seria de esperar, é o futuro que nos impele de volta ao passado” (2005, p. 37). Significa dizer que a disputa não é pelo domínio do humano, mas por se livrar dele. O passado quer se ver livre do homem empurrando-o para o futuro, que o rejeita repelindo-o de volta ao passado. Entrincheirado entre essas duas forças o homem pode se render ao futuro e, crendo direcionar-se para o progresso, voltar-se totalmente para o passado. Ou pode se unir ao passado e, crendo dominar a tradição, ser empurrado para o catastrófico progresso. O herói age como o personagem “ele” do aforismo, aguarda um descuido para assumir o papel de árbitro de sua própria disputa. Enquanto isso não acontece, arregala seus olhos diante dos escombros acumulados.

O **Angelus novus**, como o anjo da história, procura pela memória e pela identidade social em meio aos escombros gerados pela ausência de memória e pela falta de identidade. O novo anjo gostaria de ser o Messias capaz de romper com a sequência da história, mas ele não pode sê-lo. Sua experiência do mundo ainda está presa à realidade mediada pela racionalidade humana. Ele ainda quer, como o herói kafkiano, ser o dono de sua disputa. Não compreende que a experiência messiânica do mundo representa se abrir para a memória involuntária, enquanto essa é uma rememoração das experiências vividas, traçada a partir da autenticidade da experiência e não da racionalização do relato. Para o Messias não basta um recontar ordenado de suas histórias, é necessário pensar os fragmentos deixados involuntariamente pelo caminho. Em sua ingenuidade, tanto o herói como o anjo não podem ser o Messias, simplesmente porque eles querem ser. Porque eles querem vencer a disputa entre o passado e o futuro a partir de suas convicções racionais, deixando de compreender o real significado dos fragmentos que se escondem nos escombros que observam. Mas, por essa mesma ingenuidade, representam um alerta fundamental.

Em um aforismo de 30 de novembro de 1917, Kafka afirma: “O Messias virá a partir do instante em que for possível o individualismo mais desregrado na fé – quando ele não encontrará ninguém para destruir essa possibilidade e ninguém para tolerar esta destruição, ou seja, quando se abrirem as tumbas” (*apud* LÖWY, 2005, p. 154). O Messias não tem a função de libertar o homem que sofre com o progresso caótico, mas de reconduzir ordem ao mundo que, ao se desregradar, encontrou seu processo de redenção. A queda da estrutura de progresso deve acontecer antes da vinda do Messias. Nesse sentido o novo anjo tem uma função fundamental, sua figura aterrorizada e frágil serve de alerta, ele não pode atuar como Messias ou anjo da guarda, mas seu alerta precisa ser escutado: o paraíso foi perdido e nada do que fazemos pode trazê-lo de volta, uma forte tempestade nos empurra para outro lado. Portanto, a consciência da tempestade deve nos levar para a consciência do quanto é insuficiente a nossa experiência racionalizada do mundo, abrindo espaço para a compreensão dos fragmentos e para a vivência messiânica.

As folhas secas

Em sua análise da IX Tese, Michael Löwy credita à tempestade que nos impele ao progresso uma relação teológica com a tempestade que gerou o dilúvio de Noé e com a tempestade que destruiu Sodoma e Gomorra (2005, p. 87-95), mas ele se esquece que no livro de Jó é o próprio Deus que se apresenta em meio a uma tempestade (Jó 38,1) capaz de levar o pobre servo Jó à conclusão de que ele é apenas uma coisa muito leve (Jó 40,4) como uma folha seca jogada ao vento. Segundo a análise de Samuel Terrien a respeito do Deus-Tempestade: “Não é possível determinar se o poema tinha a intenção de descrever um acontecimento de percepção sensível ou uma experiência interior, experimentando-a em termos simbólicos” (TERRIEN, 1994, p. 274). Independentemente do objetivo do autor sapiencial, o impacto da descrição de um Deus de sumo poder que se apresenta em meio a uma tempestade para fazer com que seu servo compreenda que é impossível compreender seus desígnios é uma imagem forte que sem dúvida influenciou o pensamento de Benjamin, principalmente através das indicações de Scholem. Essa tempestade divina nos impele, assim como o progresso, a uma resignação ambígua, como informa Moshe Greenberg ao resgatar o estudo do século X feito por Saadya Gaon, segundo o qual a resposta de

Jó não reconhece a sua ignorância, mas o domínio de Deus sobre seu servo (1997, p. 321). Assim, o se reconhecer como folha seca é menos uma atitude de humildade que um conscientizar-se da tensão existente entre o humano e o divino.

Essa tensão manifestada no livro de Jó permite que se resgate o valor dos anjos, não mais simples anjos da guarda com asas macias e túnicas brilhantes, mas mensageiros de uma realidade superior. Assim, seria o próprio Deus-Tempestade quem nos empurra ao progresso, evitando que voltemos ao paraíso perdido. Mas é Ele também quem nos envia o anjo da história para nos alertar dos perigos que assumimos ao nos deixarmos levar pela tempestade divina. Por conseguinte a boca aberta do anjo de Klee remete à descoberta desse trágico destino humano. A ruptura entre o humano e o divino causa o progresso profano para o qual o próprio Deus nos impele. Pelo caminho os destroços deixados devem servir de alerta para a necessidade de se repensar o ritmo desse progresso. Um alerta para a urgência da vinda do Messias, vinda que só pode se concretizar quando todos compreenderem a sua necessidade, quando todos abdicarem do desejo de se tornarem árbitros e se entregarem à experiência autêntica do tempo. Quando todos deixarem de ser como o anjo novo e começarem a ler os destroços deixados pelo caminho como uma invocação à experiência de ser Messias.

Se não podemos voltar ao paraíso, podemos, contudo, criar um novo mundo. Teologicamente essa criação se dá através do Messias, profanamente, através da revolução. Para Benjamin essas duas possibilidades estão abertas. O progresso por si só gera apenas escombros que se amontoam aos nossos pés, mas ao nos depararmos com esses escombros podemos compreender o que Jó compreendeu ao olhar a tempestade divina: somos apenas folhas secas, não podemos compreender racionalmente os desígnios divinos, mas podemos juntar os cacos deixados pelas nossas incompreensões passadas e agir de forma diferente no presente.

A nossa história tem sido a história das folhas secas, e precisa se transformar em uma história humana. Como simples folha seca o homem não consegue manter a tensão entre o humano e o divino. Ele cede totalmente ao poder do progresso-tempestade. Crendo-se folha seca ainda não se realiza nem como homem, nem como servo de Deus. Mas sem se reconhecer como tal, jamais poderá fazer uma coisa ou outra. Reconhecer-se como ser insignificante é apenas o primeiro passo para possibilitar o surgimento, seja do Messias, seja da revolução. Para isso

precisamos como o **Angelus Novus** nos assustar com o cenário trágico que construímos e acordar do nosso sonho infantil de que estamos progredindo. Precisamos contemplar a nossa memória de folhas secas para construir de fato uma identidade humana, embasada no fragmento e não na racionalização pura e simples. Não basta querer assumir o domínio da disputa temporal na qual fomos lançados, é preciso viver a experiência messiânica de um tempo que rompe com o *continuum*. Se o Messias só virá quando não for mais necessário é porque a sua vinda está condicionada à nossa conscientização do nosso estado de folhas secas e à superação deste através da releitura de nossas experiências.

O anjo de Scholem

O terceiro dos anjos necessários de Alter descreve o mesmo quadro de Klee em um poema anexado em carta a Benjamin de 19 de setembro de 1933, portanto, quase sete anos antes das teses sobre o conceito história:

Pendo digno da parede / sem olhar a ninguém / Enviado fui do céu / E cá estou anjo-homem.

O humano em mim é bom / mas não me interessa / Sirvo ao bem supremo / e de rosto não preciso.

O mundo de onde venho / é mensurado, profundo e claro. / E o princípio que me sustenta / aparece aqui em seu resplendor.

Em meu coração a cidade / à qual Deus me enviou / O anjo com este signo / não sucumbe aos seus encantos.

Asa preste a voar / voltaria de bom grado / pois ao ficar uma vida inteira / muito feliz não seria.

Meu olho é negro e pleno / meu olhar nunca se esvazia / sei o que tenho de anunciar / e sei muitas coisas mais.

Não sou símbolo / significo o que sou / Você gira em vão o anel mágico / eu não tenho sentido. (SCHOLEM, 1993, p. 119)

Parte desse poema serve de epígrafe à tese de Benjamin (Asa preste a voar / voltaria de bom grado / pois ao ficar uma vida inteira / muito feliz não seria), mas o que nos é fundamental aqui se encontra na conclusão de Scholem: o **Angelus Novus** significa aquilo que ele é. Significa o escândalo de um mensageiro diante do terror de sua mensagem. Não existe sentido para além do próprio sentido manifesto na deformidade do anjo de Klee.

O anjo-homem é bom, mas prefere voltar para a realidade de onde veio, pois toda uma vida aqui, neste mundo de folhas secas, não poderia fazê-lo feliz. Ele pertence a algo maior, sua realidade divina não

permite que ele se esqueça que não carece de uma forma. Por mais que seja bom, ele precisa compreender que isso não interessa de fato. Diante do bem supremo a que ele serve sua bondade não é nada. Sua situação de anjo-homem revela a situação tensa que deve existir entre a realidade humana e a divina. Por mais que ele deseje voltar ao bem supremo, ele deve compreender que sua realidade é apenas a de um mensageiro, como tal, de nada vale seu desejo de regresso. Assim como o homem não pode voltar ao paraíso perdido, o anjo não pode voltar ao seio divino. Sua expressão reconhece sua situação, sua bondade o faz compadecer-se pelo seu destino, idêntico ao da humanidade. Sua diferença frente ao homem é que ele se porta como um verdadeiro homem, não como uma simples folha seca. Encara a sua realidade com seu olho negro e pleno, consegue, assim, servir ao Messias. De fato, em seu assombro, cumpre a função de gerar assombro, de permitir o despertar da humanidade.

O anjo não pode socorrer os homens que se amontoam em seus próprios escombros, sequer pode se socorrer, e virar o rosto para esse cenário. Está definitivamente preso a essa realidade, mas sua prisão está decretada por ele ser apenas um mensageiro. A prisão humana, pelo contrário, não está decretada definitivamente. O homem se prende a ela para não precisar tomar uma atitude. O assombro do anjo se dá por saber muita coisa, o assombro do homem se dá por não querer fazer nada diante daquilo que ele já sabe. O homem se apega ao seu saber e impossibilita a experiência autêntica e involuntária que abriria o caminho, seja para o reino messiânico, seja para a revolução. O anjo é apenas a memória das causas humanas dos escombros do progresso, uma memória a que só podemos ter acesso ao silenciar as vozes dos anjos de madeira. A crença de que uma tempestade impele homens e anjos apenas vela o fato de que esses homens sequer compreendem a mensagem dos anjos. Não se permitindo a experiência autêntica da realidade, os homens se permitem ser jogados ao vento, quando tudo que a tempestade divina quer deles é que sustentem ao menos seu próprio peso.

Por mais que o anjo acredite no Messias, por mais que aguarde a revolução, ele sabe muita coisa além dessa simples esperança. Ele sabe que os escombros depositados ao longo dos anos não são apenas fruto do progresso ou da tempestade, mas da passividade humana. São o sinal de que as folhas secas não conseguiram cumprir sua função de se transformar em homens. Compreende, por fim, que a verdadeira sa-

bedoria deve surgir da compreensão desses escombros, dos fragmentos que deixamos passar despercebidos em nossa ânsia por ordenar o mundo. Com tanta sabedoria, limitar-se ao anúncio seco de nossa desgraçada situação de folha seca é uma condenação também a esse anjo da história. Uma condenação tão pesada que só pode ser compreendida de fato através do humor.

O anjo e o humor judaico

Usamos três judeus para girar em vão o anel mágico que desvendaria o sentido profundo do **Angelus Novus** de Paul Klee. Chegamos à conclusão desanimadora de que vivemos em um mundo em que a memória histórica dos escombros que se amontoam aos nossos pés não nos obriga a produzir uma verdadeira identidade humana, seja revolucionária, seja messiânica. Porém, tentemos uma vez mais.

Os três autores a que recorreremos confluem em carta de 4 de fevereiro de 1939, na qual Benjamin provoca Scholem dizendo: “Seja como for, quem conseguisse descobrir o lado cômico da teologia judaica teria em suas mãos a chave para entender Kafka. Houve alguém assim, ou você teria a coragem de ser essa pessoa?” (1993, p. 327-328). Façamos um simples exercício de lógica: se o humor é a chave de compreensão de Kafka, e Kafka é um dos anjos necessários como o anjo de Klee, então o humor pode nos ajudar a compreender também esse anjo novo.

Quando dizemos humor, devemos compreender aquele humor típico do cético, conforme Millôr Fernandes nos apresenta em um de seus haicais: “O cético sábio /sorri / só com um lábio” (2007, p. 47), ou seja, um humor que faz pensar, como o é o humor judaico. Em uma coletânea de humor judaico compilada por Moacyr Scliar, entre outros, encontra-se um texto do **Talmude** que descreve a ação de um anjo, mais especificamente do anjo que traz a mensagem da morte:

Um pobre cego se aproximou de dois viajantes na estrada. Um deles deu-lhe uma moeda, o outro nada. O Anjo da morte aproximou-se dizendo-lhes: - Quem deu ao mendigo, não tem por que temer-me por cinquenta anos; o outro, em câmbio, morrerá logo. O viajante condenado perguntou: - Posso retroceder e dar uma esmola ao mendigo? Ao que o anjo da Morte replicou: - Não. A embarcação é inspecionada antes de zarpar, não em alto-mar. (1990, p. 14)

Como o anjo de Klee, esse Anjo da Morte não pode nos fazer retroceder ao paraíso perdido. Mas assombrado com nossa situação ele pode nos assombrar, e através de seu assombro nos levar a uma releitura dos escombros que não queríamos reconhecer como história. Levar a humanidade a reconhecer o estado de exceção a partir do qual o fragmento, e não a racionalização ordenada dos fatos, permite recompor a experiência.

Que a face assombrada do **Angelus Novus** povoe a nossa mente de folha seca nos cobrando uma atitude messiânica, ou mesmo revolucionária, mas uma atitude que nos obrigue a romper com o ritmo alucinante do progresso desumano. Que olhando para os olhos negros do anjo possamos compreender que a tempestade e os escombros que ela deixou são suficientes para que nos reconheçamos como folhas secas que somos. Mas que esse reconhecimento é apenas o início do caminho para uma atitude amadurecida a partir da qual podemos recompor a autêntica experiência da história. Pois o Anjo da Morte não pode nos cobrar em alto-mar, assim como o anjo da história não pode parar a sequência desastrosa dos nossos atos. Mas nós podemos criar uma nova realidade se compreendermos o humor por trás do assombro do anjo, o humor por trás do anúncio de que a vinda do Messias está condicionada à sua desnecessidade. Como informa o sábio humor judaico no **Taanit** do **Talmude**: “É melhor homenagear um médico que precisar dele” (SCLIAR; FINZI; TOKER, 1990, p. 17), assim, é melhor compreender a nossa situação ante o mundo que clamar por um Messias que só nos atenderá quando não precisarmos mais dele, quando nós próprios, através de experiências autênticas dos fragmentos do nosso passado, conseguirmos ser o Messias de nossas vidas.

Abstract

This paper was developed from a presentation during the *IV Semana Didático-Cultural e I Congresso de Pesquisa e Extensão da UEMG – Campus Barbacena* (IV Didactic and Cultural Week and I Research and Extension Seminar of UEMG – Barbacena Campus, Minas Gerais State). The theme of the event was “History: identity and memory”, and its symbol was Paul Klee’s painting **Angelus Novus**. Our aim was to establish a relation between the painting and the theme of the event, based on three authors: Benjamin, its owner, whose interpretation of the painting compared it to the Angel of history; Scholem, who inherited it after Benjamin’s death, and was the author of a poem about Klee’s art piece; and Kafka, a constant presence in the epistolary debate between those two, who described the scenery in which the production of the painting was possible, although he did not have any contact with it. Finally, the painting is re-assessed in what concerns Jewish humor, which unites those three authors, in order to re-dimension the alertness represented by the terrified face of

Klee's angel. In this written version, the sequence of arguments was kept, but the text was substantially modified to the new medium.

Key words: **Angelus Novus**; Walter Benjamin; Gershom Scholem; Franz Kafka; Humor.

Referências

ALTER, Robert. **Anjos necessários**: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ARENDT, Hannah. Prefácio: a quebra entre o passado e o futuro. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Anjos. In: AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário histórico de religiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 35-37.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.

BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. **Correspondência**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERNANDES, Millôr. **Hai-kais**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GREENBERG, Moshe. Jó. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Unesp, 1997. p.305-26.

KAFKA, Franz. **A muralha da China**. São Paulo: Exposição do Livro, [19-].

KAFKA, Franz. **Diários**. São Paulo: Exposição do Livro, [197-].

LÖWY, Michael. **Sonhador insubmisso**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.

OSBORNE, Peter. Vitórias de pequena escala, derrotas de grande escala. In: BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter (Org.). **A filosofia de Walter Benjamin**: destruição e experiência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 72-121.

PAWEL, Ernest. **O pesadelo da razão**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

SCHOLEM, Gershom. Walter Benjamin (*Walter Benjamin und sein Engel*). In: SCHOLEM, Gershom. **O Golem, Benjamin, Buber e outros justos**: Judaica I. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SCHOLEM, Gershom. **Walter Benjamin**: a história de uma amizade. São Paulo: Perspectiva, 1989.

SCLIAR, Moacyr; FINZI, Patricia; TOKER, Eliahu (Org.). **Do Éden ao divã**: humor judaico. São Paulo: Shalom, 1990.

TERRIEN, Samuel. **Jó**. São Paulo: Paulus, 1994.



Angelus Novus de Paul Klee